

## Controle sobre a sexualidade e as relações de gênero através de jogos e brincadeiras

A escola busca ser um acolhedor ambiente de aprendizado e socialização, mas também abriga uma vigilância constante sobre jovens e adolescentes sobre a sexualidade e os papéis de gênero. Jogos e brincadeiras têm um forte papel de normalização e identitário. O texto nos alerta para essas questões para que não reproduzamos preconceitos.

A vigilância sobre a sexualidade e a socialização de gênero de crianças e adolescentes é exercida na escola de formas variadas por diferentes agentes, em diversos espaços e de modos distintos em relação a meninos e a meninas. De múltiplas maneiras, a orientação sexual e a identidade de gênero são objeto permanente de atenção e controle. No módulo sobre relações de gênero, vimos como os esportes e, em particular, o futebol, desempenham um papel importante nesse sentido. Brincadeiras e jogos são outros exemplos.

**A vigilância sobre a sexualidade e a socialização de gênero de crianças e adolescentes é exercida na escola de formas variadas por diferentes agentes, em diversos espaços e de modos distintos em relação a meninos e a meninas.**

Quem nunca brincou de “casinha” na infância? Essa brincadeira, apesar de mais comum entre meninas, conta também com a participação de meninos. Para essa atividade as crianças constroem papéis sociais, como o de mãe, pai, filha e filho. Às vezes, o papel de pai é desempenhado por algum menino, em outras, na sua ausência, uma menina pode assumi-lo. As crianças reconstróem, nesses momentos, relações de gênero heterossexuais, mas que nem sempre experimentam em outros contextos de suas vidas.

Observe o pátio e a quadra de esportes de sua escola e veja de que brincam e jogam meninas e meninos, adolescentes e jovens. Queimada? Futebol? “Menino pega menina”? “Passa anel”? “Beijo, abraço, aperto de mão”? Quais outras brincadeiras? Veja que atividades realizam juntos e quais em separado. A partir do já estudado nos módulos e nas unidades anteriores, exercite uma análise sobre as questões de gênero, de sexualidade e étnico-raciais ali presentes. Veja se nesses jogos e brincadeiras estão presentes violências, preconceitos, sexismo, homofobia etc. Para que papéis sociais meninas e meninos se preparam e são preparados através desses jogos? É possível observar desvios das normas de gênero? Como crianças, adolescentes e jovens, assim como as/os docentes lidam com isso? Veja alguns exemplos de brincadeiras no BOX.

Mesmo que não fossem obrigados a integrar as brincadeiras “Hoje não”, “Matemática”, “Base

aérea” e “Pimentinha”, havia entre os meninos e na própria estrutura desses jogos uma cobrança não revelada de participação. Ao se tornarem “parte do grupo”, ficavam presos à rede de jogadores e dependentes da concessão do outro para sair. Além disso, aceitar esse tipo de brincadeira era importante para quem não quisesse ser considerado fraco e, como consequência, homossexual e, portanto, não-homem. Robson (11 anos) referiu-se a um colega de rua que não brincava disso como “o gayola, boiola, [que] não aceita nada”. Vários meninos comentaram o quanto Marlon era fraco:

**(...) Impossível não perceber nos relatos o caráter violento de tais atividades, nomeadas pelos garotos de brincadeiras. A violência é tanto física quanto simbólica. Agride-se não só o corpo e a honra, mas também é construída, através dessas agressões, a identidade sexual de quem participa e de quem não participa do jogo, do produtor e da vítima da brincadeira.**

*O mais fraco da sala é o Marlon! Até menina bate nele!*

*O Marlon também parece um bichinha.*

*[...] Eu inventei um apelido para ele, de “Mãe sou gay!”.<sup>1</sup>*

Brincadeira semelhante foi descrita e analisada por Roberto DaMatta. Na sua cidade natal brincava-se de “tem pente aí?”, quando um homem passava a mão na bunda de outro supostamente à procura de pente. A brincadeira era um teste e, dependendo da reação que ocasionasse, indicaria o “tipo de homem” de que

se tratava. Se reagisse com violência, poderia significar que já havia sido “mordido por cobra” ou que tinha “tesão no rabo”, e teria sua masculinidade contestada perante o grupo através de várias piadinhas. A atitude vista como mais adequada era a de controlar-se, exprimindo indiferença ao incômodo gesto.<sup>2</sup>

*Em uma escola, meninos de 5.a série brincavam de “briguinhas”, as quais eram nomeadas de “Hoje não”, “Matemática”, “Base aérea”, “Pimentinha”, “Me chute” etc. Para cada um desses jogos existia uma rede de participantes; a entrada de um novo membro se dava quando ele entrelaçasse seu dedo mínimo no de alguém que já integrava a rede. Uma vez ligado, o desligamento só era concedido com o mesmo procedimento e com a mesma pessoa com quem originalmente se ligara. No jogo “Hoje não”, toda vez que soasse o sinal para o início ou o final de uma aula, alguém ligado podia dar uma “porrada” em qualquer outro integrante da rede e, ao fazê-lo, deveria dizer: “Hoje não”. Quem recebesse o soco só poderia retribuí-lo ao soar do próximo sinal. Outros jogos valiam-se do mesmo mecanismo de formação de redes, como explicaram alguns meninos:*

*Você liga “Pimentinha”, né. Toda hora que alguém falar alguma palavra com “P”, você tem que bater até ele falar “pimentinha”.*

*“Matemática”: se você falar qualquer número, você pode descer o couro!*

*“Base aérea”: passa um avião, [...] aí você pode quebrar o menino. Aí, só quando ele falar “base aérea” é que pára de bater.*

*Já na dita brincadeira “Me chute”, a participação, independente de se estar ligado à rede, era aberta a todos, ou melhor dizendo, a ela todos os meninos eram vulneráveis:*

*Tem um negócio, assim, tipo de piada, de brigar, [...] um cola nas costas do outro um papel escrito “me chute” [...]. Bate no menino e ele fica até chorando.*

<sup>1</sup> Todos esses exemplos e as duas brincadeiras de meninas descritas a seguir foram retirados de uma pesquisa desenvolvida em uma escola municipal de Belo Horizonte. ALTMANN, Helena. *Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFMG, Belo Horizonte, 1998.

<sup>2</sup> DAMATTA, R. “*Tem pente aí?: reflexões sobre a identidade masculina*”. In: CALDAS, D. *Homens*. São Paulo: Ed. Senac, 1997.

Impossível não perceber nos relatos o caráter violento de tais atividades, nomeadas pelos garotos de brincadeiras. A violência é tanto física quanto simbólica. Agride-se não só o corpo e a honra, mas também é construída, através dessas agressões, a identidade sexual de quem participa e de quem não participa do jogo, do produtor e da vítima da brincadeira. Essas formas de agressão estão igualmente presentes nas inúmeras piadas sobre homossexuais e negros que circulam em mesas de bar, corredores escolares, salas de professoras e professores, entre outros. Tais brincadeiras, piadas e atividades precisam ser vistas como atitudes discriminatórias, fundadas em relações de gênero e étnico-raciais desiguais; precisamos olhá-las sob a lente do **heterossexismo**. É através de atividades como estas que masculinidades e feminilidades vão se produzindo e discriminações vão sendo perpetuadas. Neste sentido, o aprendizado da separação e do gênero representa uma verdadeira máquina de produzir desigualdades.

**Enquanto diversos jogos de meninos envolviam força, agressividade, virilidade e violência, naqueles jogados por meninas transpareciam questões como sedução, romantismo e namoro. Observa-se que a feminilidade e a masculinidade constituem-se de modos distintos, tanto dentro quanto fora da escola.**

transpareciam questões como sedução, romantismo e namoro. Observa-se que a feminilidade e a masculinidade constituem-se de modos distintos, tanto dentro quanto fora da escola. A masculinidade surge nessas brincadeiras como um ideal problemático que deve ser conquistado e mantido publicamente. “Ser um homem de verdade” parece requerer um investimento contínuo e incessante, no qual a heterossexualidade precisa ser reiteradamente provada, inclusive, por atitudes agressivas e violentas. Ainda que por outra perspectiva, a heterossexualidade também está presente nas brincadeiras das meninas através do ideal romântico da união e da preparação

Voltando às brincadeiras nas escolas, vejamos agora algumas que são realizadas por meninas.

Uma delas era chamada “Vinte e um”: formava-se uma rede de participantes, semelhante à dos jogos dos meninos e, uma vez ligadas, as meninas precisavam andar sempre com uma parte da roupa dobrada. Se alguém lhe dissesse “Vinte e um” e ela não tivesse nenhuma dobra, teria que dobrar 21 vezes seguidas uma mesma parte da roupa. Enquanto ia aos poucos expondo alguma parte do corpo, as outras em volta contavam em coro até 21, enquanto os meninos as observavam discretamente.

Enquanto diversos jogos de meninos envolviam força, agressividade, virilidade e violência, naqueles jogados por meninas

*Outra atividade realizada pelas meninas ocorria nas semanas antecedentes ao Dia dos Namorados. Elas andavam pela escola com uma folha de papel e caneta em punho. No verso da folha, cada menina escrevia os nomes de dez meninos de sua escolha; no anteverso, constavam a fruta preferida da menina e números de um a dez, para os quais seriam assinalados votos, e uma frase que ela gostaria de ouvir de um dos meninos. Para votação, procedia-se da seguinte forma: contando o número de letras da fruta, era obtido o primeiro voto referente a um dos meninos; a seguir, a menina pedia um número de 1 a 10 a qualquer pessoa que passasse. No dia 12 de junho, após serem contabilizados os votos, o menino mais votado declararia a frase escolhida à menina.*

para a reprodução e a vida doméstica em que, segundo ele, a mulher cuida da casa e dos filhos. Pense de que modo estes ideais não só reproduzem uma determinada ordem para as relações de gênero, mas também formas de subordinação e exclusão da diversidade sexual, quer dizer, sexismo e homofobia.

## GLOSSÁRIO

**Gênero:** Conceito formulado nos anos 1970 com profunda influência do pensamento feminista. Para as ciências sociais e humanas, o conceito de gênero refere-se à construção social do sexo anatômico. Ele foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura. Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos.

**Identidade de Gênero:** Diz respeito à percepção subjetiva de ser masculino ou feminino, conforme os atributos, os comportamentos e os papéis convencionalmente estabelecidos para homens e mulheres.

**Homofobia:** Termo usado para se referir ao desprezo e ao ódio às pessoas com orientação sexual diferente da heterossexual. Ver o texto "Homofobia e heterossexismo" na Unidade 2 deste Módulo.

**Heterossexismo:** Norma e atitude preconceituosa que prescreve um destino único para o desejo de homens e mulheres – a união heterossexual – discriminando e marginalizando qualquer expressão não ajustada a essa ordem.

**Orientação sexual:** Refere-se ao sexo das pessoas que elegemos como objetos de desejo e afeto. Hoje são reconhecidos três tipos de orientação sexual: a heterossexualidade (atração física e emocional pelo "sexo oposto"); a homossexualidade (atração física e emocional pelo "mesmo sexo"); e a bissexualidade (atração física e emocional tanto pelo "mesmo sexo" quanto pelo "sexo oposto").

**Sexismo:** Atitude preconceituosa que prescreve para homens e mulheres papéis e condutas diferenciadas de acordo com o gênero atribuído a cada um, subordinando o feminino ao masculino.

**Sexualidade:** Refere-se às elaborações culturais sobre os prazeres e os intercâmbios sociais e corporais que compreendem desde o erotismo, o desejo e o afeto até noções relativas à saúde, à reprodução, ao uso de tecnologias e ao exercício do poder na sociedade. As definições atuais da sexualidade abarcam, nas ciências sociais, significados, ideais, desejos, sensações, emoções, experiências, condutas, proibições, modelos e fantasias que são configurados de modos diversos em diferentes contextos sociais e períodos históricos. Trata-se, portanto, de um conceito dinâmico que vai evoluindo e que está sujeito a diversos usos, múltiplas e contraditórias interpretações, e que se encontra sujeito a debates e a disputas políticas.